



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

DÉBORA SILVA SOUSA

RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO

Campina Grande

Dezembro 2011

DÉBORA DA SILVA SOUSA

Relatório apresentado à disciplina
**Prática de Ensino de História na
Escola de 1º e 2º Graus** do Curso
de História da Universidade Federal
de Campina Grande.

Dezembro 2011.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
FICHA DE AMBIENTAÇÃO.....	3
REGÊNCIA.....	6
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15
ANEXOS.....	16
PLANO PEDAGÓGICO	
PLANOS DE AULA	
ROTEIRO DE AULA	
FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO	

Introdução

O presente texto tem por objetivo narrar minha experiência na prática educativa, como parte dos critérios exigidos para a conclusão do curso de História em Licenciatura Plena da Universidade Federal de Campina Grande. Nele desenvolvo meu proceder em sala de aula tendo como embasamento os conteúdos apreendidos no decorrer dos quatro anos na presente graduação, os propriamente referentes à área da História, bem como os concernentes a área da Educação, consistindo, desse modo, numa experiência que envolve a teorização e a prática educativa, a permitir ao futuro docente familiarizar-se com o espaço o qual atuará profissionalmente, estando elucidado acerca dos entraves e das compatibilidades entre teoria e prática educativa no contexto escolar.

O contexto escolar proposto a experiência a ser realizada correspondeu a Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Dr. Elpídio de Almeida, conhecidamente como “Estadual da Prata”, localizado na Rua Duque de Caxias s/n - Prata - Campina Grande – PB. Tradicional colégio campinense, construído no decorrer da década de 1940 e inaugurado no dia 31 de janeiro de 1953 pelo então governador José Américo de Almeida. Sua nomeação é em homenagem ao prefeito de Campina Grande, no transcorrer de 30 de outubro de 1947 a 30 de novembro de 1951, o areense Elpídio José de Almeida. Considerado um dos maiores estabelecimentos de educação pública da Paraíba em número de alunos e espaço físico, o maior de Campina Grande, tem suas elevadas dimensões por desde sua construção inicial, estrutura, aliás, mantida, dada sua história enquanto patrimônio histórico da cidade e da sua educação, ter sido elaborado para suprir as carências quanto às instituições de ensino gratuito a dispor a população, que só contava no período com os seguintes centros privados: Ginásio Alfredo Dantas, Pio XI e Imaculada Conceição. Destarte, a cidade não computava com um estabelecimento público voltado a educação de seus conterrâneos¹.

Isso é relevantemente explicativo na importância que hoje o colégio, ainda desempenha para a educação dos campinenses e daqueles que moram próximos a cidade. A escola não perdeu sua característica histórica de suprir as carências no que diz respeito à educação. Muito embora hoje haja estabelecimentos escolares em número considerável e acessível, sua qualidade de ensino quando comparada a outros estabelecimentos da rede pública explica a sua preferência. Tanto é que permanece com

¹ A respeito ver: <http://www.colegioprata.xpg.com.br/>.

um elevado corpos de alunos, 1.800 estudantes, de professores 106 docentes e de 109 funcionários (diretores, secretários, inspetores, etc), requeridos pelo tamanho do seu espaço, que da mesma forma careceu de ser mantido pela continuidade do público em sua permanente procura. Isto é perceptível comparando a estrutura quando da sua construção com a sua arquitetura atual:

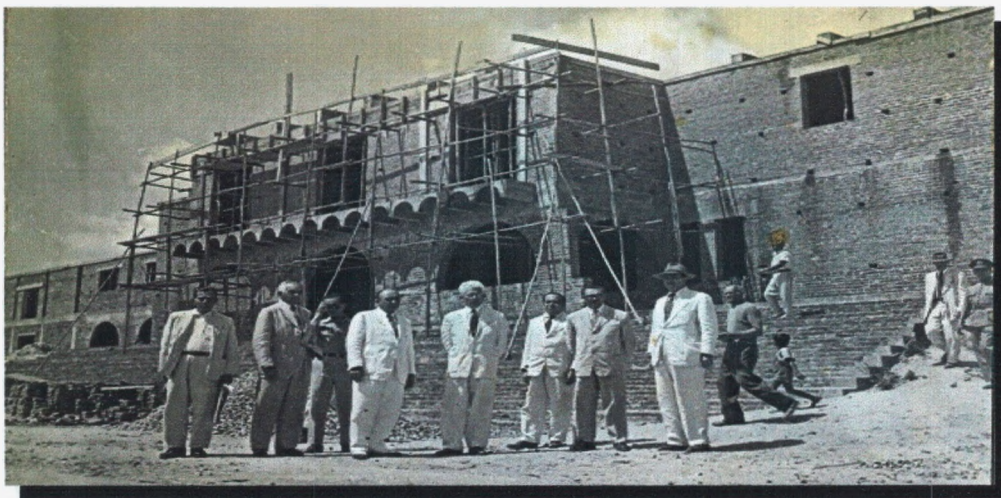


Figura 1 Construção da escola na década de 1940. Acervo do professor Fernando Azevedo. Disponível em <http://www.colegiodaprata.xpg.com.br/>.



Figura 2 Colégio Estadual da Prata atualmente. Os traços arquitetônicos de sua estrutura inicial continuam mantidos.

Ficha de ambientação

Embora a estrutura do prédio, como foi dito acima, tenha sido completamente mantida, no decorrer de 2002-2003, sua arquitetura passou por uma reforma que incorporou a seu espaço uma quadra esportiva padrão coberta, com piso e arquibancada, utilizada comumente na educação física dos alunos e em campeonatos estudantis. Basicamente essa é sua forma atual exteriormente: o colégio, a quadra, o campo e em suas laterais o estacionamento, do lado direito um prédio onde funciona o ensino profissionalizante e em ambos os lados as entradas e saídas do estabelecimento.



Figura 3 Quadra esportiva e campo.

Contando com essa organização espacial, pude perceber não dispor seus alunos de um ambiente adequando a ser usufruído durante os intervalos, um lugar para as conversas e para a realização do lanche. Este se localiza numa cantina pequena que não suporta em totalidade os alunos e não os permite a alimentação de maneira sentada e confortável, além de ser um espaço dividido com a copiadora o que o tornar ainda menor. Os alunos desse modo, ficam expostos ao sol durante a meia hora de intervalo, geralmente entre 9 às 9:30.

Em seu interior, dividida em dois andares, a escola conta com espaços largos e arejados onde se localizam a diretoria, secretaria, recepção, sala de professores, um auditório, cozinha, ambientes estes no térreo, e as salas de aulas em ambos os compartimentos, cujos acessos se dão por duas entradas, uma do lado direito e outra pelo esquerdo, e escadas em ambos os lados quanto ao acesso às salas do andar de cima.



Figuras 4 e 5 Diretoria e recepção localizadas na entrada da escola.

Com esta acessibilidade a escola não se apresenta ajustada quanto as necessidades dos estudantes que possuem deficiência física referentes à locomoção e a visão, pois como mostro na figura 2, a transitarão nela está permeada de escadas e batentes, desde a entrada passado para o interior da escola, havendo apenas a exceção de uma rampa de acesso a entrada. Ainda no primeiro compartimento, ao contrário dos demais âmbitos, possui uma biblioteca deficiente em espaço, pequena para o número de alunos que a escola abarca. Os livros restritos aos didáticos e a algumas poucas obras de literatura portuguesa, materiais os quais os alunos não têm acesso direto para escolher, mas por intermédio de um funcionário que os entrega.





Figuras 6 e 7 Biblioteca da escola

Não é arejada, ambientada para uma biblioteca e não dispõe de mesas e cadeiras suficientes para mais de 15 alunos, um espaço que necessita ser urgentemente ampliado tanto em relação aos conteúdos que dispõe, quanto ao tamanho de seu espaço, dado o número total de alunos matriculados no estabelecimento, os já ditos 1.800 estudantes. Pela sua localização no interior da escola funciona numa sala improvisada.

No andar de cima encontram-se as salas de atendimento aos alunos e as de vídeo, composta dos aparelhos de TV, DVD, e outra com data show e computador. Estes últimos setores não me foram possíveis de visitas por encontrarem-se fechados e sem funcionário responsável no momento da observação para me atender.



Figura 8 Sala de atendimento aos alunos.



Figura 9 Sala de vídeo.

Para além das carências mencionadas, não dispõe, ainda de um laboratório para a realização de pesquisas. Seu funcionamento ocorre nos turnos manhã, tarde e noite, sendo disponibilizado um total de 65 turmas.

A regência

Assim, determinado o estabelecimento e já feitas algumas considerações acerca dos aspectos físicos da escola, iniciei a difícil tarefa de encontrar um professor a dispor uma de suas turmas para que o pretense estágio pudesse ser realizado. Digo árduo, porque alguns professores se negaram a tal tarefa, um por motivo compreensível, por estarem as turmas da manhã atrasadas em conteúdo, em decorrência da greve no presente ano, alunos que estão a prestar vestibular; e outro, da noite, por um motivo incoerente, por alegar ter tido experiências anteriores insatisfatórias. Diante disso, faço desde já os agradecimentos ao professor Nilson Fernandes Araújo por ter disponibilizado as suas turmas do 1º ano da manhã, em que a escolha partiu da compatibilidade do meu horário. Foi extremamente atencioso já na primeira visita, dando as orientações básicas quanto às turmas, os conteúdos e o material utilizado durante as aulas, inclusive me disponibilizou de imediato o livro didático.

Feitas as apresentações, a turma escolhida, dentre as 12 turmas (número total de turmas no horário da manhã) de história disponibilizadas, todas estas geridas pelo docente, correspondeu ao 1º H, nos horários da quinta-feira de 10h40min às 11h20min e nas sextas-feiras, das 07h00min às 07h40min. As observações da turma ocorreram consecutivamente nos dias 1 e 2 de setembro. No primeiro contato, pude perceber tratar-se de uma pequena turma, contando com 26 alunos, de uma faixa-etária, entre 14 e 20 anos, a maioria em idade adiantada para o cursar desde nível, apontando atraso escolar.

A condição sócio-econômica, levando em consideração tratar-se de um estabelecimento da rede pública de ensino, bem como os aspectos relacionados à aparência, como qualidade da farda, o calçado, e os bens materiais, como caderno, estojo, celular, bolsa, apontam serem seus alunos provenientes das camadas pobres.

A instalação se apresenta extremamente inadequada para o bom desenvolvimento do ensino aprendizagem. A sala é pequena, até ventilada, porém vulnerável ao barulho externo, lousa branca pequena e carteiras de ferro desconfortáveis.

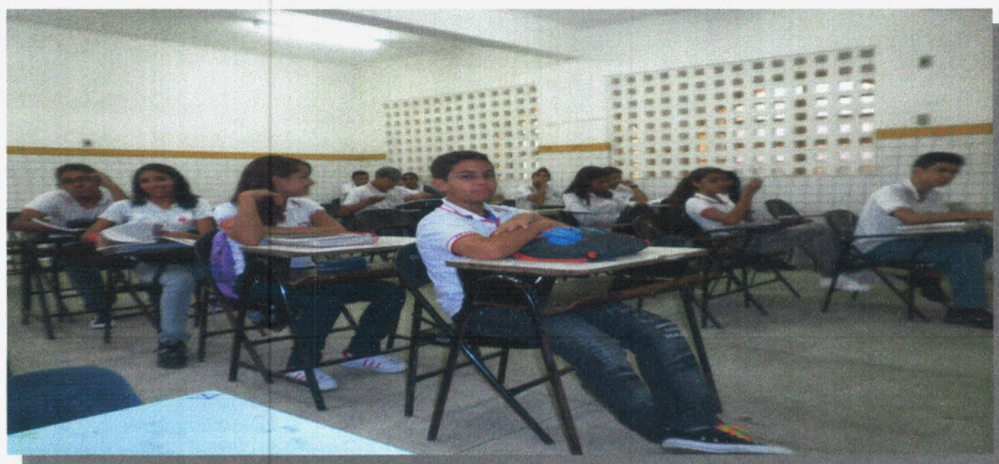


Figura 10 Turma 1ª H.

As aulas são expositivas, com o uso exclusivo do livro didático, reduzidas aos exercícios proposto pelo material. Em nenhum momento foi possível perceber o diálogo entre os alunos e o professor, aliás, apenas quando entravam em conflito. Assim sendo, entendo que a referente aula e o referente espaço se enquadram naquilo que Veiga (1991) qualifica como tradicional, que toma como centro no processo de ensino a figura do professor, o mesmo monopolizando o conteúdo e a exposição a seu respeito, sem que haja uma interação entre o aluno e o educador. O conteúdo é repassado sem qualquer questionamento por parte dos alunos e, muito menos, por parte do professor.

O professor em todo o momento repete o que está no livro didático e os alunos se quer prestam atenção ao que é dito, não levam para a aula o livro que todos recebem no início do ano letivo, conversam e só se referem ao professor para respondê-lo de forma agressiva a alguma imposição. Trata-se de um conhecimento dado de forma

ilusoriamente, ineficiente para com o papel social da educação no desempenhar da luta política e ideológica no seio da sociedade de classe. Não culpo totalmente o professor por tais problemáticas. A realidade aqui é a de um homem já idoso, cansado, em idade de aposentadoria que ministra todos os primeiros anos concernentes a história, além de ministrar a disciplina de sociologia, dada sua formação em História e em Ciências Sociais. Somada a isso, vivencia como conforme Albuquerque Jr, a crise do seu lugar enquanto educador, formador de alunos, resultando de uma realidade escolar que hostiliza cada vez as suas pretensões de ensinar. Desprestigiada sua função social e, conseqüentemente reduzida sua remuneração progressivamente, não que isso seja desculpa ao tipo de aula na qual estou me portado, todavia, são inegáveis contribuintes no desmotivar o docente no seu cotidiano escolar.

Em decorrência desse conjunto de fatores, tem-se uma turma apática, desmotivada, em muitos momentos pelo próprio professor que duvida de suas capacidades e desinteressados, por conseguinte, a todo que se refere à história. A partir dessas observações, elaborei o plano de curso, que dentro das possibilidades que me foram impostas, pudesse de alguma forma inserir nos alunos uma representação menos negativa em relação à disciplina, conduzi-los a leitura e a reflexão ao invés da memorização. A frente desse projeto encontrei as delimitações do professor, sobretudo as correspondentes a exigência de que todo o conteúdo proposto fosse dado de acordo com o livro adotado na escola e as de uso decorrente da técnica de ensino Aula Expositiva, como falei nas linhas acima, de maneira tradicional, decorativa, sem leitura e participação em sala nas quais os alunos estão habituados. Devo acrescentar, ainda, o tempo curto, sobretudo no horário da sexta, em que chegavam atrasados, sendo inclusive comum a redução dos alunos em sala por ser no primeiro horário e, claro, “ a sem importância aula de história”, quando comparada as outras disciplinas que pela exigência dos professores e as dificuldades em aprendizagem requerem mais dedicação e estudo, como é caso das de exatas. Além do que, nas quintas chegam estressados e agitados, inquietos para irem para casa, pela exposição ao sol durante o intervalo, gerando cansaço físico e mental.

Com base no livro, *História das Cavernas ao terceiro milênio: das origens da humanidade à reforma religiosa da Europa*, o professor indicou-me trabalhar o capítulo 10, intitulado Alta Idade Média. Um capítulo um tanto longo quando comparado aos demais, o fazendo disponibilizar sem problemas as quatro aulas. O conteúdo foi dividido em blocos de modo a trabalhá-los sob eixos temáticos. Essa foi a forma de

trabalhar o conteúdo completamente, sem deixar nenhuma parte de ser analisada, como foi exigida, e do mesmo modo facilitar o processo de ensino aprendizagem, pois a maneira como livro desenvolve o conteúdo não facilita sua compreensão, numa ida e vinda de assuntos que no mínimo confundem o aluno-leitor.

O primeiro plano de aula a ser trabalhado e desenvolvido em aulas dos dias 9 e 15 de setembro, foi montado tendo como base o preterido material didático, assim como no diálogo para com os clássicos de nossa historiografia que privilegiam em suas análises a mencionada sociedade, tais como Jaques Le Goff e Philippe Ariès. Sob o eixo temático, *Roma e os outros: alteridade, declínio e reconstrução*, foi problematizado a queda de Roma e a construção de uma nova sociedade tendo como base a relação entre povos de culturas distintas, disso discutindo-se as migrações, seus motivadores, as consequências culturais, os conflitos, as representações decorrentes desses encontros, seus possíveis resultados, numa articulação entre presente e passado, nas quais temas como a xenofobia, o racismo, o êxodo rural e demais conjunturas de nossa sociedade atual foram inseridos e debatidos, tanto para ajudar na compreensão do conteúdo quanto a permitir a participação dos alunos, pela recorrência em que são tratados pela mídia e demais meios de comunicação.



Figura 11 Trabalhando o primeiro eixo temático.

Seus efeitos foram positivos, os alunos participaram e dialogaram para comigo no decorrer das duas aulas. Nesse sentido, fizeram uma aproximação com nossa contemporaneidade e o contexto transicional entre o clássico e o medieval.

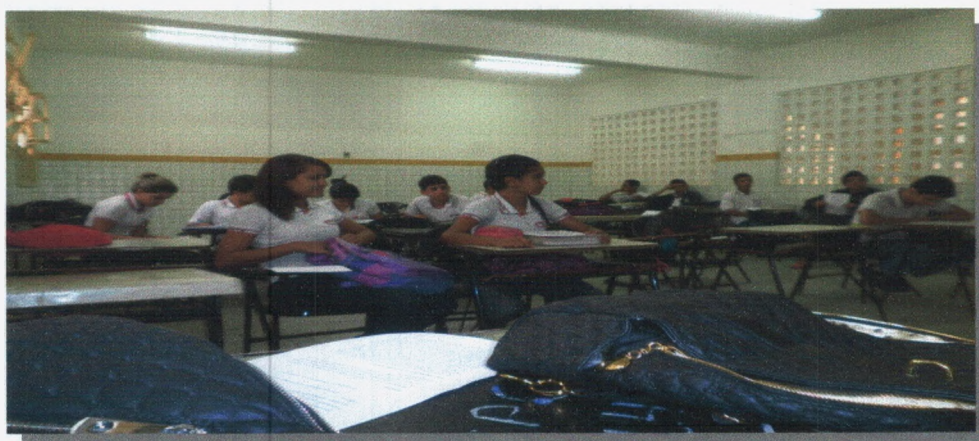


Figura 12 Alunos durante a aula.

Apropriando-se, assim, do conteúdo, fica claro que o modelo de aula proposto se manteve segundo a técnica de ensino aula expositiva, com uma evidente diferença de procedimento. Recorrendo uma vez mais a Veiga (1991), a aula expositiva é uma técnica de ensino por muitos educadores tida como ultrapassada e inadequada pelo comumente uso em caráter tradicional. Todavia, isso não desqualifica nem tão pouco desautoriza seu uso em sala. Muito pelo contrário, a sua forma de aplicá-la a recicla, a renova, já que apesar das críticas permanece sendo utilizada. Com base nessa forma de pensá-la, me empenhei em praticar e realizar aulas expositivas e dialogadas tendo como direcionamento levantar perguntas, suscitar indagações e, portanto, incentivar a curiosidade dos alunos, ao invés da simples apresentação de respostas dadas, prontas e inquestionáveis, comum a prática expositiva tradicional. Assim, problematizar, dentro dessa nova lógica, significou lançar aos alunos fatos, idéias e situações nas quais possam articular com o conhecimento adquirido fora da escola, mas também somado ao fornecido por ela, no sentido de fazerem-nos formadores de opiniões e de senso crítico reflexivo da realidade social em que vivem.

Compartilho com Martins (1989), quando entende que a educação, assim sendo deve promover a autonomia do aluno, no ato de levá-lo a pensar, a se posicionar para além do comando do professor. Não estou aqui pondo a margem à atuação do mesmo, ora, ele é o condutor do conhecimento e necessário no guiar do aluno, porém não pode promover sua total submissão ao docente, apenas lendo e estudando aquilo que é por ele emanado. O que, infelizmente se apresentou recorrente neste contexto escolar. A comprovação para com esse laço de dependência, para além das observações feita em sala, deu-se melhor no decorrer das aulas que ministrei nos dias 16 e 23 de setembro.

Continuação do conteúdo proposto, entretanto sob outro eixo temático, *A Eclésia e a sociedade medieval perceberam* que os alunos não lêem o livro e não apresentam, em decorrência disso, interesse por pesquisar a respeito, só recorrendo a este material quando necessitam fazer seus exercícios. Para as referidas aulas, segui o mesmo trajeto que nas anteriores, articulando o conteúdo, o relacionando ao tempo presente. Mais uma vez obtive a participação da turma.

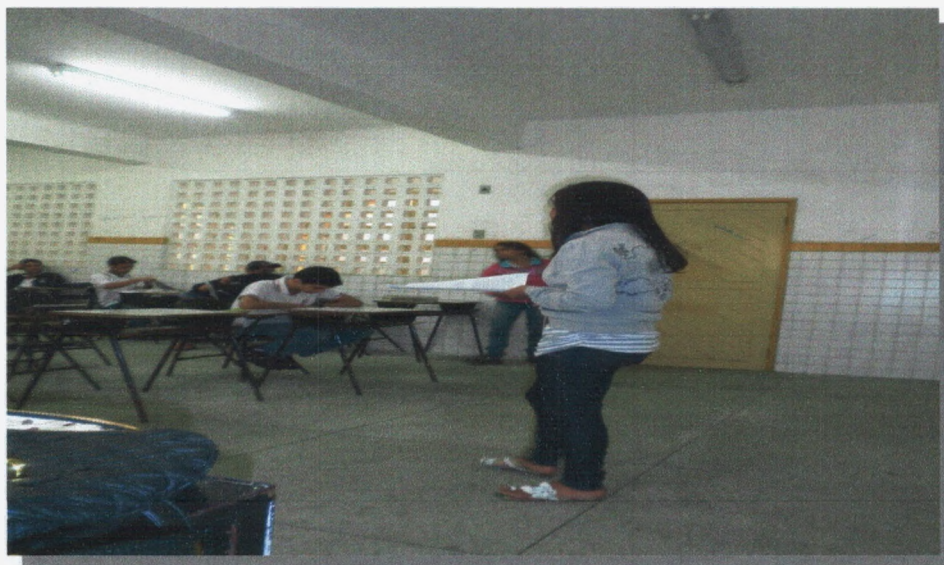


Figura 13 Trabalhando o segundo eixo temático.

É importante ressaltar que todos receberam um roteiro de aula sobre todo o conteúdo trabalhado, visível na figura acima, com tópicos, mapa e imagens no intuito de fazê-los acompanhar e participar da discussão. A proposta consistiu em pensar a Igreja enquanto a instituição que monopolizava o poder na sociedade medieval, que a organiza e a comanda. Discutimos a gênese de seu poder, os mecanismos que justificava, tais como as representações sobre a morte, o além, o monopólio do conhecimento, questionando se tais práticas estão ausentes no nosso meio social. Por fim, repesando as atitudes da igreja, os apresentei as concepções acerca das representações referentes à época com as suas negativizadas visões, pela forte repressão da instituição corroborando para as percepções da época como a Idade das Trevas, período intermediário, etc, mostrando serem essas representações construídas historicamente, e do mesmo modo desconstruindo-as por meio da exposição dos elementos comuns a época suscitando junto o que eles conheciam acerca do período, as imagens recorrentes que dele tem.

Estando ciente, como havia dito acima, da dependência dos alunos ao professor, realizei um exercício que deveria ter sido realizado em sala, mas pelo pouco tempo, ficou para ser feito em casa, com base num texto pequeno retirado da revista Superinteressante de título, *E se o Império Romano não tivesse acabado?* Escolhido justamente por tratar e englobar o conteúdo trabalhado em sala. Foi proposto, destarte, a opção em fazer uma questão ou uma paródia, com temática referente à época, explicada como se processava sua produção. O proposto exercício foi a forma encontrada para tirá-los um pouco do livro didático e incentivá-los a pesquisa para o caso da paródia. Quanto aos seus resultados foi parcialmente satisfatório. Poucos optaram pela paródia, dos que fizeram o exercício a maioria optou por fazer a outra questão, não se posicionando apenas repetindo com que têm no texto, alguns poucos mencionaram as aulas que ministrei na resposta articulando-a com o exercício. Como despedida realizei no dia 2 de outubro uma dinâmica, um quiz² de perguntas e respostas envolvendo as músicas da preferência dos alunos e o conteúdo que desenvolvi durante o estágio. Todos participaram, alguns apresentaram dificuldades quanto ao domínio do conteúdo pela ausência de leitura ou por não terem feito o exercício. Ao término mostraram-se satisfeitos com a dinâmica e com a minha passagem no decorrer do estágio.

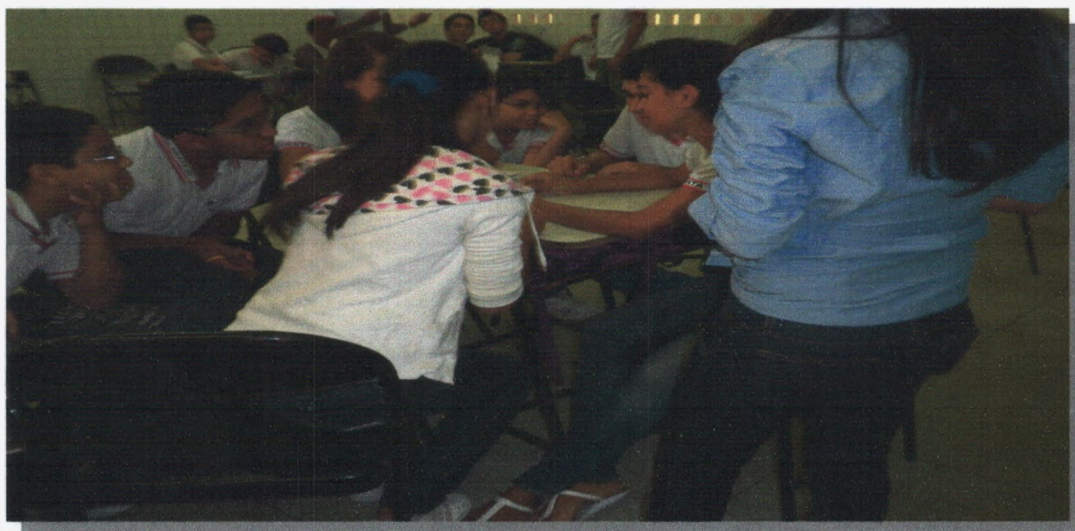


Figura 14 Alunos na dinâmica.

² Quis consiste num jogo de perguntas e respostas em que os participantes errando ou acertando passam vez para o outro, a partir de uma sequência estabelecida. No caso da experiência feita com essa turma dividi a sala em três grupos denominados segundo a hierarquia da sociedade estudada: eclésia, nobreza e servos.

Considerações Finais

Destarte, durante as horas em que estive no referido estabelecimento de ensino, percebi o quanto a prática escolar é de suma importância para os alunos que optam pela licenciatura. Uma experiência fundamental, pois por seu intermédio adentramos a realidade escolar, a conhecemos e percebemos as possibilidades viáveis, os entraves a prática educativa do ensino da história, nos moldando como profissionais. A teorização é importante, mais a prática nos aperfeiçoa e nos torna de fato professores. Ênfase está importância porque foi minha primeira experiência em sala, experiência esta que me permitiu perceber o quanto estamos longe da realidade escolar durante os quatro anos de nossa formação, presos a teorização e as paredes e muros da academia sem ter, como foi o meu caso, nenhuma noção do que é a escola no seu caráter profissional. Acredito por isso, que as seis aulas de estágio são ineficientes para nossa formação docente.

Apesar disso, permitiu-me familiarizar com este ambiente que muito em breve se tornará parte do meu cotidiano, rever como o ensino de história tem sido aplicado em sala, as suas principais problemáticas e entraves, e as possibilidades para melhorá-lo no intuito de permitir sua aprendizagem de maneira a tornar-se um conteúdo apreciável pelos alunos. Partindo do pressuposto de que o ensino da história tem dentre sua principal função permitir ao homem entender e refletir sua realidade social pelo recorrer ao passado, busquei promover um processo de ensino-aprendizagem, sempre que possível, articulando estas temporalidades, mostrando aos alunos através de suas próprias falas que esse passado estudado está presente em nossa contemporaneidade, pois acredito que um dos empecilhos a compreensão e ao gosto pelo aprender história consistam nesse distanciamento entre o que é estudado e a realidade social na qual está envolto o aluno. O aluno, desse modo, não acha função em aprender história, não vê sentido para isso, desqualificando seu interesse e importância quanto os demais saberes. A aula expositiva dialogada, como a que realizei, visou justamente essas desconstruções. Claro que outras técnicas de ensino como estudo dirigido, seminários, debates, somada a metodologias de ensino, com o uso de filmes, músicas, etc se forem usados com as pretensões as quais me lancei ao empregar a aula expositiva, sem dúvida, viabilizará esse processo desconstrutivo e muito provavelmente mudará a relação do aluno com o professor de história e para com sua disciplina.

Digo isto, porque a observação e o contato para com os alunos me mostrou está nesses aspectos os obstáculos quanto ao ensino de história, particularmente neste

contexto escolar. Ao introduzir o diálogo presente/passado, ausente nas aulas do professor, aquela turma ausente, apática logo apresentou interesse em participar, no colocar de seus pontos de vista, de lançarem opiniões. Acredito, que por esse caminho, consegui conduzi-los no entender da formação da sociedade medieval, a compreenderem o que é hibridismo cultural, as suas problemáticas, críticas, rejeições, negociações, a perceberem, ainda, como uma instituição ao monopolizar o conhecimento conseguiu controlar, organizar e manter uma sociedade extremamente desigual, por fim a repensarem o conceito de medieval, o caráter depreciativo que carrega, o desconstruindo a partir da amostragem de uma idade média que apesar de conter isso tudo, é somada a uma rica diversidade cultural. Além do que, obtive meu maior objetivo, fazê-los participar, cooperar, com suas falas e opiniões, pois acredito que a aprendizagem passa pelo diálogo, pela interação. Por este progresso alcançado acredito que fui bem no desempenhar do presente estágio. Creio que os alunos tiveram uma outra visão da história e conseguiram compreender o significado da importância da sociedade medieval. Lamento ter ficado restrita a aula expositiva em decorrência do tempo, por não ter duas aulas seguidas a permitir o uso de outros recursos e metodologias. Caso o tempo excedesse as quatro aulas, de preferência em que duas fossem consecutivas, provavelmente teria os utilizado.

Além do tempo como empecilho, as imposições quanto ao uso restrito ao livro didático, o habituar dos alunos a decoreba, a preguiça ao ato da leitura, a recusa para com a disciplina precisam ser compreendidos como os entraves encontrados. Acredito, porém, que o caminho a melhora da qualidade do ensino de história é por essa via: de retirar o aluno dos moldes tradicionalistas de ensino-aprendizagem, da memorização, os acostumando a pensar, a refletir, a criticar. Não é esse ou aquele recurso que se apresenta ultrapassado, mas as formas, os fins, os objetivos que são lançados para com o seu uso. Se o professor objetiva fornecer ao seu aluno uma educação de qualidade, transformadora para a vida do seu aluno e, portanto da sociedade como propõe Paulo Freire, ele precisa rever, reavaliar a forma como leciona, instrui os seus alunos.

Se compartilhamos da sensibilidade pessimista da educação brasileira, semelhantemente devemos partilhar de sentimentos otimistas, de não nos conformarmos com esse modelo de educação, que embora visto sobre uma ótica particular de um contexto específico é infelizmente uma realidade compartilhada em outros contextos pelo nosso Brasil afora. Devemos ser crentes na possibilidade de mudança e num melhor porvir para nossa educação e isto é bem demonstrado quando tentamos mudar,

quando induzimos mudanças como as que acredito ter, apesar de sucintas, feito. Não é uma tarefa fácil, porém viável, desde que demos o melhor de nós mesmos. Nossa educação necessita da tentativa de perfeição daqueles que a compunham:

“Eu só trabalho no sentido de formar educadores perfeitos, ou seja, aqueles que saibam analisar a realidade social deste país”
(Ezequiel Teodoro).

Referência:

BIGGE, Morris L. Teorias da aprendizagem para professores. São Paulo:EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

-BORDENAVE, Juan D. e PEREIRA, Adair M. Estratégias de ensino-aprendizagem. Petrópolis:Vozes, 19

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Didática teórica – didática prática para além do confronto. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 51-54.

SILVA, Ezequiel Teodoro. Os descaminhos da escola: traumatismos educacionais. Editora Moraes. São Paulo: 1982.

VEIGA, Alencastro (Org.) Técnicas de ensino:por que não? Campinas-SP:Papirus, 1991 – (Coleção Magistério:Formação e Trabalho Pedagógico

...

ANEXOS:

ANEXO I



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE
DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA – PRATA
Rua: Duque de Caxias 235 – Prata Campina Grande - CEP: 58.400.506 – Fone e fax: 3310-6928

PROPOSTA PEDAGÓGICA

CAMPINA GRANDE - 2011

JUSTIFICATIVA

Com o avanço da tecnologia se faz necessário uma mudança na postura do professor e do aluno levando-os ao ensino-aprendizagem mais eficaz onde todos os segmentos sejam capazes de contribuir o seu próprio conhecimento.

Partindo deste princípio é indispensável uma proposta pedagógica e uma gestão democrática que não se reduza à integração escola-família-comunidade, mais também que vise à realização das pessoas e a transformação da comunidade, procurando atender aos seus anseios e interesses.

Sugerindo assim, a proposta de se trabalhar com o Médio Integrado e Educação Profissionalizante com duração de quatro anos, ou de três anos se cursado em dois turnos. A referida modalidade de ensino tem como base legal o Decreto nº5.154/04 e o parecer 20/04 – MCNE/CEB, bem como da resolução nº 017/2007 e no parecer011/2007 do CEE – PB. Trabalha também com o PROEJA. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade EJA, Decreto nº 5.840 de 13 de julho de 2006, como meio de preparar o jovem para o mundo científico e tecnológico aproximando a vida escolar do mundo real contextualizado.

Os cursos ministrados serão desenvolvidos de forma integrada, por meio de metodologias que possibilite ao aluno a (re)construção de conhecimentos, desenvolvimento de atividades, hábitos e habilidades para a vida produtiva, possibilitando a inclusão social dos jovens e adultos na busca de novos horizontes para sua vida.

Com espírito solidário e participativo, é essencial que a escola seja inclusiva, onde a diversidade do alunado não só é acolhida, como também é valorizada, ensinando os alunos a valorizar a diferença, pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo clima socioafetivo das relações estabelecidas com toda a comunidade escolar.

Dessa forma estaremos oferecendo um ensino motivado e cooperativo criando novas perspectivas para uma educação mais humanizada, voltada para vida, tornando a escola um lugar possível de educação consciente, crítica, criativa e participativa, desde que seus integrantes acreditem em um processo político de educação que possa produzir mudanças nas relações interpessoais e sociais.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Dr. Elpídio de Almeida – Prata, está localizada à rua Duque de Caxias nº 235 no bairro da Prata, na cidade de Campina Grande – PB. Funciona nos turnos manhã, tarde e noite com 31 salas de aula, oferecendo condições de comportar em 12 salas de aulas 50 alunos, 12 salas de aula 45

alunos, 7 salas de aulas 35 alunos onde atualmente funciona os cursos Médio Integrado e o PROEJA.

OBJETIVOS

1. Diminuir o índice de evasão e repetência;
2. Criar na escola espaço para que o aluno possa refletir e debater os problemas da comunidade para o desenvolvimento do senso-crítico;
3. Proporcionar um planejamento que leve em conta a realidade do aluno e de comunidade;
4. Reestruturar os conteúdos das diversas disciplinas da Grade Curricular;
5. Promover e incentivar projetos em atividade interdisciplinares no atendimento às necessidades de clientela junto à família;
6. Desenvolver projetos em atividade interdisciplinares no atendimento às necessidades da clientela junto à família;
7. Implementar um modelo pedagógico que possibilite superar os desafios advindos das transformações por que passa o mundo de trabalho e a sociedade em geral;
8. Fortalecer o desenvolvimento do país e em especial do Estado da Paraíba, através da interiorização dos serviços prestados à empresa e à comunidade minimizando os efeitos de desemprego e da exclusão social.

OPERACIONALIZAÇÃO

Atualmente o ensino vem tomando uma dimensão social mais significativa no universo do aluno, onde suas experiências e seu conhecimento de mundo têm maior importância.

A importância da conscientização do indivíduo e o seu crescimento como sujeito político, social e transformador, o que supõe a democratização dos conteúdos nos levando a necessidade de um planejamento participativo, visando a realização e a transformação da comunidade na qual a escola está inserida.

Esta proposta se propõe a compreender alguns fatores que afetam a aprendizagem do aluno, de modo a encontrar novas alternativas para diminuir ou até mesmo contribuir para a extinção de evasão escolar, partindo do princípio de que se faz necessário uma mudança efetiva na prática pedagógica, tornando uma educação escolar mais humana e mais participativa, determinando: metas, ações, prazos e responsáveis.

PLANO DE AÇÃO PARA A MELHORIA DA ESCOLA – 2011

Objetivos do plano de ação:

Motivar alunos e professores; incentivar o aluno a permanecer na escola; diminuir o número de reprovações; criar aulas mais atrativas; incrementar atividades extraclasse; tomar o espaço escolar mais atraente; desenvolver projetos artístico-culturais; capacitar os funcionários e melhorar as condições de trabalho; atualizar o Projeto Político Pedagógico; estabelecer uma parceria harmoniosa com o Conselho Escolar e o Grêmio Estudantil.

Quadro do Plano de Ações

METAS	AÇÕES	PRAZOS	RESPONSÁVEIS
Planejamento mais integrado	Realizar estudos trabalhos e atividades participativas onde professor/aluno caminhe, na mesma direção na busca de objetivos comuns	1º Bimestre	Professores e equipe pedagógica
Integração do conteúdo programático	Reunir professores por núcleo nos três turnos para acompanhamento e integração dos conteúdos	Final de cada bimestre	Professores e equipe pedagógica
I Integração Família/Escola	Através de reunião de pais e mestres (associação de pais e mestres)	Último sábado de cada mês (Exceto: recesso escolar, feriados ou eventos significativos)	Professores e equipe pedagógica
Estudos sobre avaliação	Através de reunião geral (todos os núcleos)	Início do ano (1º bimestre)	Professores e equipe pedagógica
Reunião do Conselho de Classe	Reunir professores representantes de turma, técnicos e direção	1º e 2º bimestres	Direção e equipe pedagógica
Avaliação de todos os segmentos da Escola	Através de questionários	Novembro e Dezembro	Direção e equipe pedagógica
Realização de Estudo de	Através de pesquisa -	Antes do início de	Professores da área

mercado	questionário	cada módulo	técnica
Elaboração de uma política de capacitação	Palestras e seminários	Início de cada módulo	Professores da área técnica
Mensurar o nível de conhecimento do conteúdo do vestibular	Aplicação de simulado nas 3ª séries	2º semestre	Coordenadores de áreas e professores
Despertar o interesse do aluno pela pesquisa científico – tecnológica Associando teoria à prática	Reativação dos laboratórios de ciências e informáticas	1º e 2º semestres	Coordenadores dos laboratórios e professores
Levar o aluno a descobrir suas potencialidades na dança, teatro, música e artes plásticas	Criação de projetos artístico-culturais	1º e 2º semestres	Direção e professores
Motivar os professores para criação de projetos	Apoio aos professores nos projetos desenvolvidos	1º e 2º semestres	Direção da Escola e Técnicos
Criação do sistema de monitoria (projeto) para motivar os alunos no ensino e aprendizagem	Oferecimento de aulas de reforço em aulas vagas com os alunos monitores oportunizando um melhor rendimento escolar	1º e 2º semestres 2011	Direção, professores e equipe pedagógica
Melhorar a estrutura física da secretaria	Oferecimento de melhores condições	2º semestre	Direção
Formar parcerias com os coordenadores para desenvolver as atividades de melhoria da escola	Reuniões mensais com os coordenadores para discussão do desenvolvimento das atividades	1º e 2º semestres	Direção e equipe de professores
Resgatar as atividades juninas da escola	Criação de quadrilha junina da escola	1º semestre	Direção

Estabelecer parceria harmoniosa com o Conselho Escolar	Fazer reuniões periódicas e dividir tarefas	1º e 2º semestres	Direção e Presidente do Conselho
Estabelecer parceria com o Grêmio	Fazer reuniões e apoiar os projetos	1º e 2º semestres	Direção e representantes do Grêmio
Detectar problemas de alunos e funcionários (necessidades especiais, afetivos, e solucionar os possíveis)	Observações, reuniões com professores e família, atendimento no serviço de orientação e encaminhamento para especialista, quando necessário.	1º e 2º semestres	Direção, professores e equipe pedagógica

ANEXO II

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADEMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG**

CURSO: HISTÓRIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: NILDA CAMARA

ALUNA: DÉBORA DA SILVA SOUSA

PLANO DE AULA- CARGA-HORÁRIA: 1 HORA E 20 MINITOS

TEMA: ALTA IDADE MÉDIA

I EIXO TEMÁTICO: ROMA E OS OUTROS, ALTERIDADE, DECLÍNIO E RECONSTRUÇÃO

OBJETIVO GERAL: PROBLEMATIZAR O DECLÍNIO DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE, REPENSANDO AS RELAÇÕES DOS ROMANOS PARA COM OS POVOS GERMÂNICOS, CUJA FUSÃO RESULTOU NA CONFIGURAÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1. DISCUTIR A PROBLEMÁTICA DA MIGRAÇÃO, COM SEUS AGENTES MOTIVADORES;**
- 2. PROBLEMATIZAR O TERMO “BARBARO” E SEU CARÁTER NEGATIVISADOR COM AS DEMAIS REPRESENTAÇÕES QUE OS ROMANOS ATRIBUÍRAM E, POR CONSEQUENTE, SE PORTARAM RELACIONALMENTE PARA COM ESSES POVOS;**
- 3. ANÁLISAR AS VERSÕES HISTÓRICAS SOBRE O DECLÍNIO DE ROMA;**
- 4. PERCEBER AS SIGULARIDADES SOCIAIS, POLÍTICAS, ECONÔMICAS E CULTURAIS DOS POVOS GERMANOS, E SUAS FUSÕES COM MUNDO ROMANO;**

5. COMPREENDER A CONFIGURAÇÃO DA SOCIEDADE MEDIEVAL COMO UM PROCESSO LENTO, PAULATINO, RESULTANTE DO IMBRICAMENTO SÓCIO-CULTURAL E DAS PERMANÊNCIAS DOS ELEMENTOS DA SOCIEDADE ROMANA E GERMANA;

CONTEÚDO:

1. POR QUE MIGRAR?
2. QUEM SÃO OS OUTROS?
3. VERSÕES HISTÓRICAS DO DECLÍNIO
4. MEDIEVO NASCENTE, SÉCULOS DE FUSÃO E IMBRICAMENTOS

METODOLOGIA:

AO PROPOR UMA AULA ACERCA DA ALTA IDADE MÉDIA, POR TRATAR-SE DE UM CONTEÚDO CONSIDERAVELMENTE EXTENSO E PODEMOS DIZER COMPLEXO POR SEUS MUITOS DETALHES, PROponHO NESSE PRIMEIRO MOMENTO A EXPOSIÇÃO DO PERÍODO TRASICIONAL ENTRE ANTIGUIDADE E MEDIEVO, PARTINDO PARA TANTO DO EIXO TEMÁTICO DA ALTERIDADE. NESSE SENTIDO, SERÁ PROPOSTO DE ANTI-MÃO AOS ALUNOS SUAS PERCEPÇÕES ACERCA DE MIGRAÇÕES, SEUS AGENTES CAUSADORES E SEUS IMPACTOS A PARTIR DO QUE OS MESMOS CONHECEM A RESPEITO. ESTÁ PONTE ME PERMITIRÁ ADENTRAR NO PROPOSTO EIXO, JÁ QUE TAL PROCESSO E AS CONSEQUÊNCIAS QUE DELE RESULTAM SÃO PERCEPTÍVEIS NO PERÍODO ESTUDADO, EMBORA COM SUAS DEVIDAS PECULIARIDADES. ASSIM, ESSA ARTICULAÇÃO SE APRESENTA ESCLARECEDORA NA COMPREENSEÃO DA PRÓPRIA RELAÇÃO E NAS CONSTRUÇÕES DE IMAGENS DE ROMANOS PARA COM GERMANOS.

EM SEQUÊNCIA APRESENTAREI AOS ALUNOS AS VÁRIAS VERSÕES HISTÓRICAS ACERCA DOS FATORES QUE CONDUZIRAM AO DECLÍNIO DE ROMA, RECORRENDO AO USO DE FONTES PRESENTES NO PRÓPRIO LIVRO A EXEMPLO DO TESTEMUNHO DO BISPO AMIANO MARCELINO, NÃO DEXANDO DE ANÁLISAR JUNTO A ELES O CONTEXTO PRODUTOR DESSAS FONTES COMO A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO CATÓLICO EM CAMINHO

DE INSTIUCIONALIZAÇÃO NA ÉPOCA. POR FIM, DESCONTRUIR, POR MEIO DA REFLEXÃO, A CONCEPÇÃO TRADIACIONAL DE QUE A IDADE MÉDIA NASCE A QUEDA, EM 476, DE ROMA. CONDUZIREI ASSIM, AO ENTEDIMENTO DE QUE ESTE PROCESSO É LENDO, DECORRENTE DE SÉCULOS E DAS DIVERSAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS, SOCIAIS, ECONÔMICAS, CULTURAIS PASSADAS NO DECORRER DO PERÍODO DE FORMA QUE A SOCIEDADE MEDIEVAL COMO CONHECEMOS GANHE CORPO.

RECURSOS:

COMO RECURSOS UTILIZAREI UM ROTEIRO DE AULA NO QUAL O CONTEÚDO PROPOSTO SERÁ DISTENDIDO DE MANEIRA ESMIUÇADA, CONTANDO EM ANEXO COM IMAGENS, MAPAS, NO INTUITO DE PREENCHER ALGUMAS ICONOGRAFIAS QUE SENTI CARÊNCIA NO LIVRO. ALÉM DE CLARO DO LIVRO DIDÁTICO, LÁPIS E QUANDRO, RECURSOS DISPONÍVEIS NA REALIDADE ESCOLAR PÚBLICA. DEVO ACRESCENTAR QUE MEU CONHECIMENTO EM CONJUNTO COM O DOS ALUNOS SERÁ SUBSÍDIO PARA NÃO FICARMOS RESTRITOS AO CONTEÚDO DO LIVRO.

REFERÊNCIA:

Livro didático:

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myrian Becho. História das Cavernas ao terceiro milênio: das origens da humanidade á reforma religiosa da Europa. São Paulo: Moderna, 2005.

Textos de apoio:

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol. I. Bauru/São Paulo:EDUSC/Imprensa Oficial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**, Lisboa, Estampa, 1995, 2ª ed.

ANEXO III

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADEMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG
CURSO: HISTÓRIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA
PROFESSORA: ERONILDES CAMARA
ALUNA: DÉBORA DA SILVA SOUSA
PLANO DE AULA- CARGA-HORÁRIA: 1 HORA E 20 MINITOS

TEMA: ALTA IDADE MÉDIA

II EIXO TEMÁTICO: A ECLÉSIA E A SOCEIDADE MEDIEVAL

OBJETIVO GERAL: PENSAR A IGREJA ENQUANTO INSITUIÇÃO QUE MONOPOLIZAVA O PODER NA SOCIEDADE MEDIEVAL, A ORGANIZA, A COMANDA, ARTICULANDO ESSES POSICIONAMENTOS AS REPRESENTAÇÕES NEGATIVIZADAS QUE FORAM CONSTRUÍDAS, A POSTERIORI, REFERENTE AO PERÍODO.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. PROBLEMATIZAR AS REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS QUE FIZERAM DA IGREJA UMA INSITUIÇÃO QUE ORDENA E COMANDA A

SOCIEDADE MDIEVAL, ESTIPULANDO SUA ORDEM E ORGANIZAÇÃO;

2. ANALISAR A CONSTRUÇÃO NEGATIZADA DO CONCEITO DE IDADE IDADE MÉDIA, BUSCANDO O DESCONTRUIR NA ARTICULAÇÃO ENQUANTO NOMEAÇÃO CONSTRUÍDA HISTORICAMENTE E IMBRICADA AS PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS DA ECLESIA NO PERÍODO;

CONTEÚDO:

1. A ECLÉSIA
2. ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE MEDIEVAL
3. A IDADE MÉDIA: TREVAS OU LUZ?

METODOLOGIA:

NO TRABALHAR COM O II EIXO TEMÁTICO PERMANECI NO MESMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO APLICADO NO CONTEÚDO ANTERIOR, NUMA EXPOSIÇÃO DIALOGADA PARA COM A TURMA, NA RELAÇÃO PRESENTE/PASSADO. CONTUDO COM ÊNFASE NA ECLÉSIA, SEUS MECANISMOS DE PODER, AS REPRESENTAÇÕES, O MONOPÓLIO DO CONHECIMENTO, AS PRÁTICAS REPRESSIVAS E PERSUASIVAS QUE ACABARAM POR CORROBORAR AS PERCEPÇÕES NEGATIVAS DA ÉPOCA, BEM COMO BUSCANDO DESCONSTRUÍ-LAS, NO MOSTRAR A TURMA QUE ESSE CONCEITO FOI ELABARADO A POSTERIOIR, PRODUTO DE UM DADO CONTEXTO HISTÓRICO. SOMANDO NA AMOSTRAGEM DE IMAGENS NO INTUITO DE APRESENTÁ-LOS A UM “MEDIEVO”, QUE PARA ALÉM DAS MARCAS DAS REPREÇÕES É RICO EM PRODUÇÃO CULTURAL.

RECURSOS:

COMO RECURSOS UTILIZAREI UM ROTEIRO DE AULA NO QUAL O CONTEÚDO PROPOSTO SERÁ DISTENDIDO DE MANEIRA ESMIUÇADA, CONTANDO EM ANEXO COM IMAGNES, MAPAS, NO INTUITO DE PREENCHER ALGUMAS ICONOGRAFIAS QUE SENTI CARÊNCIA NO LIVRO. ALÉM DE CLARO DO LIVRO DIDÁTICO, LÁPIS E QUANDRO, RECURSOS

DISPONÍVEIS NA REALIDADE ESCOLAR PÚBLICA. DEVO ACRESCENTAR QUE MEU CONHECIMENTO EM CONJUNTO COM O DOS ALUNOS SERÁ SUBSÍDIO PARA NÃO FICARMOS RESTRITOS AO CONTEÚDO DO LIVRO.

REFERÊNCIA:

Livro didático:

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myrian Becho. História das Cavernas ao terceiro milênio: das origens da humanidade á reforma religiosa da Europa. São Paulo: Moderna, 2005.

ANEXO IV

ESCOLA ESTADUAL ELPIDIO DE ALMEIDA – PRATA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSOR: NILSON

ESTAGIÁRIA: DÉBORA DA S. SOUSA

CAMPINA GRANDE, 16 DE SETEMBRO DE 2011.

ROTEIRO DE AULA

TEMA: ALTA IDADE MÉDIA (CAPÍTULO 10)

1. ROMA E OS OUTROS: DECLÍNIO E RECONSTRUÇÃO (SÉCULOS IV-V)
- 1.2 MIGRAÇÃO “BÁRBARA”: POR QUE MIGRAR?
MIGRAÇÕES PACÍFICAS X MIGRAÇÕES VIOLENTAS
- 1.3 “BÁRBAROS”, QUEM SÃO?
GODOS, LOMBARDOS, VISIGODOS, FRANCOS E ANGLO-SAXÕES
ANIMALESÇOS, SEM ESTADO, AGRO-PECUARISTAS,
METALURGICOS, CULTUADORES DOS MORTOS,P. 95-66.

1.4 SERIAM ESSES POVOS OS ÚNICOS CAUSADORES DO DECLÍNIO DA PARTE OCIDENTAL DE ROMA?
ESTADO ROMANO DESARTICULADO

ROMANOS PECADORES, P. 105

1.5 DAS RUÍNAS UMA NOVA SOCIEDADE SURGE
MUNDO “BÁRBARO + MUNDO ROMANO

REINOS “BÁRBAROS:

GODOS E LOMBARDOS – ITÁLIA

VISIGODOS – ESPANHA

ANGLO-SAXÕES – GRÃ BRETANHA

FRANCOS- GÁLIA

1.6 IMPÉRIO CAROLÍNGIO, RESURGIMENTO DO IMPÉRIO OCIDENTAL?

NOVA ONDA DE MIGRAÇÕES, SÉCULOS IX-X

2. EUROPA MEDIEVAL

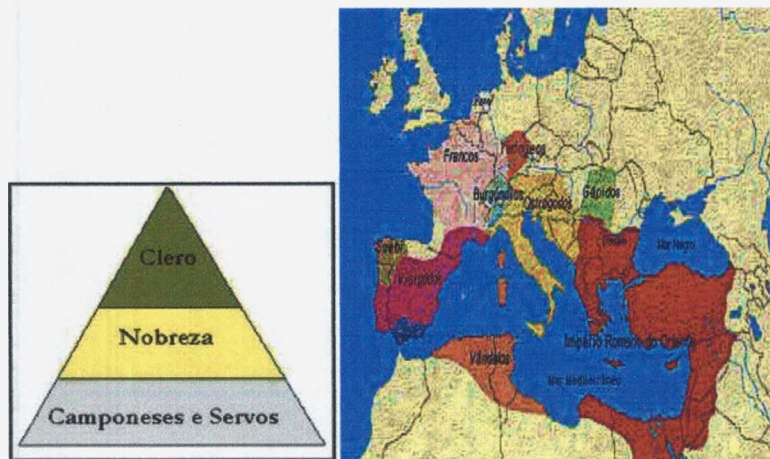
SOCEIDADE PAUTADA NO DESCENTRAMENTO DO PODER

NA PROTEÇÃO

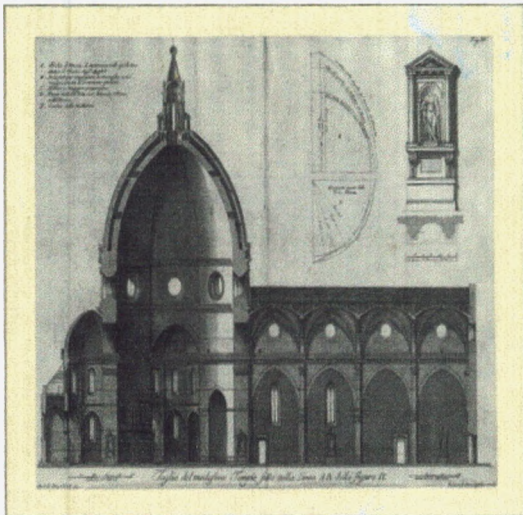
NA RURALIZAÇÃO (ORGANIZAÇÃO DO FEUDO):

DOMÍNIO SENHORAL, MANSO SERVIL E MANSO COMUM

2.1 A IGREJA E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL:



A IDADE MÉDIA: TREVAS OU LUZ?



REFERÊNCIA

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myrian Becho. História das Cavernas ao terceiro milênio: das origens da humanidade á reforma religiosa da Europa. São Paulo: Moderna, 2005.

<http://igrejamilitante.wordpress.com>

(ANEXO 2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA
PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSOR (A): Eronildes Câmara Araújo

FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO

Aluno (a): Débora da Silva Sousa

ESCOLA: E.E.E.M.P " Elpidio de Almeida- Prata" ANO LETIVO:2011

DATA: 22/11/11

Nº	ITENS A CONSIDERAR	NOTA
1	Realizei as atividades programadas?	1,0
2	Fui assíduo(a) e compareci pontualmente aos locais de Estágio?	1,0
3	Desempenhei com responsabilidade e consciência os trabalhos de Estágio conforme as normas estabelecidas?	1,0
4	Providenciei sempre que necessário, materiais – recursos didático-pedagógicos para o desenvolvimento das atividades?	0,7
5	Procurei conciliar minha opinião com os diferentes pontos de vista dos demais envolvidos nos locais onde estagiei?	0,8
6	Solicitei esclarecimentos sempre que houve dúvidas sobre os problemas para a facilitação do meu trabalho?	0,8
7	Aproveitei oportunidades oferecidas no estágio ou fora dele, para adquirir informações ou habilidades que facilitassem os meus trabalhos?	1,0
8	Evitei causar problemas e/ou embaraços que pudessem prejudicar o desenvolvimento do trabalho de estágio?	1,0
9	Revelei iniciativa para a resolução de acontecimentos imprevistos no decorrer do estágio?	0,7
10	Avaliei a minha participação pelo número de pontos positivos alcançados, comparando o meu progresso antes e após cada etapa do estágio?	1,0

Pontuação de 0,0 a 1,0 para cada item avaliado

TOTAL DA SOMA 9,0

Observações:

22 de novembro de 2011

Débora da Silva Sousa

Assinatura do Aluno (a)